

ENGENHO OU ARTE ?

Camões e a Identidade Nacional, vários autores.
Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983.
(Coleção Temas Portugueses).

Maria Lúcia Lichtscheidl Maretti (Unicamp)

No texto introdutório a uma edição d'Os Lusíadas, Hernâni Cidade diz que Camões, "em sua existência anedótica, tem razão em maldizer das funestas estrelas que lhe frustraram os sonhos de amoroso, as ambições de soldado, as comodidades de funcionário, e também, em certa medida, os triunfos de poeta; mas, se pudesse prevê-lo, quanta razão para ser grato às estrelas propícias que à sua vida essencial condicionaram ser ainda hoje o poeta mais vivo de Portugal!".

Este mito de frustração e decepção atribuído ao cantor dos feitos portugueses parece ser o que ainda define o povo que, séculos depois da morte do seu poeta, continua usando da sua palavra para caracterizar-se a si mesmo. Disso constitui testemunho inabalável a recente publicação do livro Camões e a Identidade Nacional.

Conforme consta na sua apresentação, este livro "visa congregar num documento único as diferentes intervenções proferidas ao longo dos últimos anos aquando da realização do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, por figuras de relevo da Vida Nacional." (p. 7). Estas figuras e as datas das suas respectivas intervenções são: Vergílio Ferreira (1977), Jorge de Sena (1977), Fernando Namora (1978), Vitorino Magalhães Godinho (1979), David Mourão-Ferreira (1980), Eduardo Lourenço (1980), Agustina Bessa-Luís (1981) e José de Azeredo Perdigão (1982).

Trata-se realmente de um documento pois nele se manifesta um duplo duplo de poimento: o do lugar de honra que o grande poeta português ocupa hoje na alma e na memória do seu povo e o do sentido e da finalidade das comemorações. Dadas as condições em que os discursos foram proferidos - como partes de uma solenidade de caráter nacional -, pode-se avaliar o alcance que Camões passou a ter como entidade representativa da cultura portuguesa: "tenhamos todos, tenham todos, a humildade de reconhecer que quando se fala de Camões e de Portugal, não podemos pensar em mais ninguém." (É o que diz, por exemplo, Jorge de Sena, p. 28).

A união do nome Camões a Portugal e às Comunidades Portuguesas fundamenta o empenho argumentativo de todos os discursos. É através dessa união - inevitã

veí aos olhos portugueses - que os oradores estabelecem, sem exceção e com mais ou menos engenho e arte, o ponto de partida para os seus textos que se desenvolvem a partir daí de forma diferenciada, cada qual com uma contribuição específica.

O Portugal de ontem, o de Camões, é atualizado no sentido de, através de aspectos de sua vida e de sua obra, lançar uma luz a um destino que se soube, se quis e se mantém (se não efetivamente, ao menos de maneira virtual) conquistador e colonizador. O fato de eles serem proferidos com tal entusiasmo e solenidade deixa claro um objetivo que, para o português de hoje (e, como tudo indica, à sua revelia), foi se arrefecendo ao longo do tempo: o de realizar em comum novos empreendimentos, a partir da lembrança coletiva dos seus feitos como povo.

Pela tentativa de recuperar, através da palavra, o cotidiano glorioso de outrora, configura-se a marca essencial de um povo que se define por ser saudosista. Saudosista, nostálgica, sebastianista ou seja lá qual nome se queira dar a essa atitude, resta ao menos a vontade inarredável de dominar um destino que, principalmente depois da Revolução dos Cravos, se não for épico, ao menos que seja livre. Ou, como diz Virgílio Ferreira: "Decerto não é o mando que está no nosso horizonte - e ainda bem; mas não deve estar também a submissão. E se tal submissão é evidente, quando ao nosso destino o detêm mãos alheias, é já menos evidente quando se obscurece a consciência de que o temos, o devemos ter, nas nossas mãos. Porque o não perdemos apenas quando de fato o perdemos, mas ainda quando nos perdemos dele e nele deixamos de nos reencontrar. Não deixa de ser nosso apenas quando ele já é de outrem, mas ainda quando o não reconhecemos para o assumir e continuar. Porque esquecermo-nos de nós é correr o risco de que outros se lembrem; perdermo-nos de nós é correr o risco de que outros nos encontrem..." (p.15).